

No. S. 12658

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 18

A mentalidade alemã

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1917



Handwritten text, possibly a title or author name, which is extremely faint and difficult to decipher.

Handwritten signature or initials, possibly "H. J. ...".

Handwritten text, possibly a date or location, which is very faint.

Handwritten text, possibly a name or title, which is very faint.

Handwritten text at the bottom of the page, possibly a library or collection name, which is very faint.

A mentalidade alemã

Naquele problema que absorve e preocupa toda a Europa — todo o mundo civilizado, se pode dizer — problema que versa sobre a tão desejada hora da paz, não se toma devidamente em conta a mentalidade do povo alemão. Esta guerra veio provar que bem poucas existem das limitações outr'ora consideradas como inevitáveis num conflicto da magnitude deste. A finança, dizia-se, ficava arruinada após poucos mezes. No começo de hostilidades a Gran Bretanha gastava diariamente 5 milhões de libras. A Alemanha outro tanto, ou talvez mais. Não podia continuar um tal exgotamento da riqueza nacional. A Europa ficava bancarrota. Porém depois de tres anos de guerra a Gran Bretanha está dispendendo diariamente para cima de 7 milhões de libras e as comportas da riqueza nacional ainda se acham escancaradas: a torrente de ouro ainda não estancou.

As limitações em força viril, as limitações na produção de munições, todos os calculos a esses respeitos erraram. Projecteis aos milhões, peças aos milhares continuam a sair das fabricas só da Gran Bretanha, e todos os outros paizes empenhados na guerra estão diariamente acres-

centando a sua quota ao montão final do rebo-
talho do esforço humano. As hordes alemãs
podem não parecer inexgotáveis, e vê-se que a sua
qualidade guerreira vai diminuindo em força e
resistencia, porém contam-se ainda por milhões
na frente ocidental, e ainda estão fortalecendo
os exercitos austriaco e turco.

As limitações de material de guerra também
nos induziram em erro, tanto como todas as
outras limitações dos recursos mundiais. Nos
primeiros mezes da guerra annunciou-se que a
Alemanha se achava em grandes dificuldades
para obter viveres, borracha, oleos e gorduras.
Passaram-se tres anos e a falta destas subs-
tancias essenciaes ainda não estorvou o pro-
gresso no sacrificio de vidas humanas.

Habituamo-nos á idéa que só a vitoria pelas
armas poderá pôr termo á guerra. Estando de-
baixo dessa persuasão, não deixa de ser duma
grande utilidade para os Aliados o conhecerem
a fundo a mentalidade do inimigo contra o qual
eles teem de empregar toda a sua energia.

Tem havido muitas indicações, teem-se pro-
palado muitas profecias, sobre as revoltas in-
testinas da Alemanha. Perguntamo-nos vezes
sem conto — quando é que o povo alemão reco-
nhecerá o estado de escravidão em que vive;
quando se cansará de sacrificios sangrentos;
quando compreenderá as ambições materialis-
tas e egoistas da sua autocracia militar? Mas
ao fazerem estas perguntas, os Aliados perdem
de vista o facto que a mentalidade alemã nunca
deixou de ter plena consciencia da sua escravi-

dão ao militarismo; que na verdade para eles não tem sido uma escravidão, mas sim um grande ideal nacional.

Quando, tendo perdido o juízo, um pobre homem sofre da ilusão que é Jesus Cristo ou o imperador da China, e se conhece que o mal é incurável, não nos entretemos a perguntar quando ele deixará de insistir em jejuar durante 40 dias, ou em mandar decapitar a primeira pessoa que lhe cause tédio. Um homem desses ás soltas é um perigo; tratamos portanto de o prender. Constitue uma ameaça para os outros homens; é preciso que desapareça. Havendo esperança porém de o curar, convida-se a reunir toda a sciencia para efectuar a cura.

Muito parecido com isto é o estado mental da Alemanha. Os alemães sofrem da ilusão que são o povo escolhido de Deus; nada lhes fará perder aquella concepção maniaca do direito divino, nem mesmo o facto de verem essa escolha da divindade dispersa pelos quatro cantos do universo, nem a consciencia da sua blasfemia, nem a força do raciocínio. Hão de jejuar durante os 40 dias prescritos neste deserto da desolação da guerra. Hão de cortar a cabeça á primeira pessoa que lhe causar tédio. Hão de matar mulheres e creanças nas terras dos seus inimigos, porém não podem aceitar como de justiça que o mesmo se faça no seu paiz.

Um dos seus poetas, invocando Deus numa oração guerreira, escreve: — «Tu que habitas no teu céo mais alto que os querubins, serafins e zeppelins.» Reconstruindo a oração dominical

um pastor de nome Dietrich Vorwek, fez em publico esta oração: «Ainda que o pão do combatente seja pouco, dá tu a morte diaria e a angustia decuplada ao inimigo. Perdôa na tua misericordia infinda cada bala que errar o alvo! Não nos deixes cair na tentação de acalmar a nossa ira ao levar a efeito a tua divina sentença. Delivra-nos e a nossos aliados do infernal inimigo e dos seus servos na terra. Teu é o reino, a terra, da Alemanha; possamos nós com o auxilio da tua mão armada de ferro, alcançar a honra e a gloria.»

Nesta blasfemia está uma prova evidente da perda do juizo. Só a vitoria dos Aliados pode privar da liberdade uma creatura tão demente e sem esperanças de cura. Emquanto a Alemanha com a sua ilusão de estar incumbida duma missão divina, estiver ás soltas, ameaça a segurança publica, e nenhum espirito bem formado pode esperar que ela venha a compreender a loucura das suas ambições ou que se possa curar da loucura que lhe está roendo o coração.